

## **DIFERENÇAS LEXICAIS ENTRE O INGLÊS BRITÂNICO E O INGLÊS AMERICANO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA-ALVO<sup>1</sup>**

### *LEXICAL DIFFERENCES BETWEEN BRITISH AND AMERICAN ENGLISH AND THEIR CONSEQUENCES TO THE TEACHING OF THE TARGET LANGUAGE*

**Janete Correia Vargas<sup>2</sup> e Gabriela Quatrin Marzari<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

Após a colonização dos Estados Unidos no século XVII, o inglês utilizado pelos norte-americanos foi sendo alterado gradativamente de modo que hoje se observa uma variação linguística significativa entre o inglês americano e o inglês britânico. O reconhecimento dessas diferenças é importante para aprendizes e, principalmente, para professores de Inglês como Língua Estrangeira (ILE), uma vez que ambos poderão evitar “equivocos” quanto à ortografia, à gramática, ao vocabulário e, sobretudo, à pronúncia. Em vista disso, o objetivo deste estudo foi identificar e analisar, do ponto de vista etimológico, as principais diferenças de vocabulário entre o inglês britânico e o inglês americano. A pesquisa torna-se relevante na medida em que propõe uma análise histórica da origem dos vocábulos considerados, bem como dos fatores que levaram a tais diferenças entre o inglês britânico e o inglês americano, contribuindo, assim, para a formação pré-serviço ou continuada de professores de ILE. De acordo com a análise, fatores de ordem econômica, política, cultural e linguística, incluindo a adoção de estrangeirismos no território americano, foram os responsáveis pelas variações ocorridas no vocabulário da língua inglesa. Desse modo, a presente pesquisa oferece ao professor subsídios teóricos sobre a evolução da língua que ele ensina, com o intuito de tornar sua prática de ensino mais eficaz e, conseqüentemente, mais interessante.

**Palavras-chave:** ensino de ILE, formação de professores, variação linguística.

#### **ABSTRACT**

*After the colonization of the United States in the seventeenth century, the English language originally spoken by the Americans started to change gradually so that nowadays there are some significant differences between American and British English. The understanding of these differences is important for learners and especially for teachers of English as a Foreign Language (EFL) because both will be able to avoid “misunderstandings” in terms of spelling, grammar, vocabulary and especially pronunciation. The objective of this study was to identify and analyse the main differences in vocabulary between British and American English based on an etymological perspective. The research is relevant in the sense that it proposes a historical analysis of the origin of a specific group of words as well as the causes that led to the linguistic differences between British and American English, thus contributing to the initial or continuing education of EFL teachers. It was concluded that economic, political, cultural and linguistic factors, including loanwords in the American territory, were the cause of the current variations found in the English language. Therefore, this research provides teachers with a theoretical basis about the evolution of the language that they teach, thus making their teaching practice more effective and consequently more interesting.*

**Keywords:** EFL teaching, teacher education, linguistic variation.

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação - TFG.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras - Português e Inglês - Centro Universitário Franciscano. E-mail: janetevargas@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora. Docente do Curso de Letras - Português e Inglês - Centro Universitário Franciscano. E-mail: gabrielamarzari@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Em geral, as línguas passam por um processo gradual de evolução através dos tempos. É natural que isso aconteça quando se trata de uma língua “viva”. Segundo Saussure (1974), a língua é arbitrária. Por isso, uma mesma língua pode apresentar aspectos linguísticos distintos, dependendo do contexto em que está inserida. Além disso, é de conhecimento que fatores políticos, culturais e sociais exercem uma forte influência nesse processo evolutivo das línguas.

No caso do inglês, não podia ser diferente. Após a colonização dos Estados Unidos no século XVII, o inglês falado pelos americanos foi sendo alterado gradativamente de modo que hoje se observa uma variação linguística significativa entre o inglês americano e o inglês britânico. O inglês falado no continente americano sofreu variações em todos os aspectos linguísticos, sejam eles fonéticos, fonológicos, morfológicos ou sintáticos. Em função disso, parece oportuno investigar essas “diferenças”. Por meio deste trabalho, pretende-se identificar e apresentar as principais variações que existem entre o vocabulário característico do inglês britânico e do inglês americano a partir de um estudo etimológico dos vocábulos considerados para análise, tendo como base o Dicionário Etimológico da Língua Inglesa (2001).

Uma das justificativas para o desenvolvimento desta pesquisa está relacionada ao fato de que muitos professores, ao iniciarem a docência no ensino de inglês, se deparam com uma dúvida comum a respeito de qual variação linguística devem ensinar. Sendo assim, é preciso que o professor esteja preparado para sanar eventuais dúvidas de seus alunos sobre as variações da língua-alvo à medida que elas surgirem.

Nesse sentido, é importante dizer que o objetivo desta pesquisa não é simplesmente apontar as diferenças linguísticas entre o inglês britânico e o inglês americano, mas chamar a atenção de professores e futuros professores de ILE para a importância de reconhecê-las e, principalmente, demonstrar que elas não representam um obstáculo para o processo de ensino e aprendizagem da língua-alvo. Em outras palavras, por meio deste estudo, pretende-se esclarecer que as diferenças entre os dialetos aqui considerados não apresentam uma “barreira” à aprendizagem da língua-alvo, tampouco impedem que a comunicação se estabeleça de maneira eficaz entre os sujeitos falantes do idioma.

Em vista disso, a pesquisa torna-se relevante porque propõe uma análise histórica da origem dos vocábulos considerados, bem como dos fatores que levaram a tais diferenças entre ambos os dialetos, contribuindo, assim, para a formação pré-serviço ou continuada de professores de ILE. Para atender aos propósitos deste estudo, primeiramente, apresentam-se questões relativas à evolução histórica da língua inglesa na América do Norte, destacando-se diferenças quanto ao vocabulário existente. A seguir, discorre-se sobre a situação atual da língua inglesa, considerando suas projeções para o futuro. Por fim, argumenta-se sobre as implicações dessas variedades para o ensino da língua-alvo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### AS DIFERENÇAS ENTRE O VOCABULÁRIO DO INGLÊS BRITÂNICO E DO INGLÊS AMERICANO

Quando os primeiros habitantes dos Estados Unidos da América, oriundos da Inglaterra, colocaram seus pés em solo americano, eles encontraram uma paisagem e uma topografia bem diferentes daquelas a que estavam habituados. Marckwardt e Quirk (1964, p. 26), estudiosos das variações entre o inglês britânico e o inglês americano, revelam que, quando os primeiros colonizadores chegaram ao continente americano, eles encontraram uma fauna e uma flora mais diversificadas, o que lhes trouxe um grande problema. Eles tinham que encontrar um nome para essas novas espécies de animais e plantas. Como consequência, com o passar do tempo, foram surgindo novas palavras como: *mockingbird*, *rattlesnake* e *eggplant*.

Segundo Marckwardt e Quirk (1964, p. 26), ocasionalmente, os novos americanos usavam termos familiares, mas para se referirem a coisas diferentes. Um exemplo citado pelos autores é o caso da palavra *robin*, que, nos Estados Unidos, é o nome dado a uma espécie de pássaro grande. Esse mesmo pássaro é parecido com um tipo de *thrush*, que existe na Inglaterra. Mas *robin*, para os ingleses, é um pequeno pássaro com o peito vermelho. Outro exemplo citado por Marckwardt e Quirk (1964, p. 26) é a designação dada à palavra “milho”. Enquanto os americanos utilizam o vocábulo *corn*, os britânicos fazem uso do termo *maize*. Os americanos nunca usam *maize* para os grãos de milho em geral, ou em particular para designar a farinha de milho.

Outro fator interessante que surgiu entre esses primeiros habitantes foi a aquisição dos estrangeirismos. Ao chegarem ao norte da América, os ingleses entraram em contato com a língua dos índios americanos que lá habitavam. O que aconteceu foi que, muitas vezes, quando eles não encontravam uma palavra em inglês para designar uma nova espécie, eles “tomavam emprestado” o vocábulo que era utilizado pelos índios. Entre os estrangeirismos adotados a partir do dialeto indígena, encontram-se palavras como *hickory*, que é um tipo de árvore; *squash*, um vegetal; *moccasin*, um tipo de sapato usado no inverno. Dos primeiros colonizadores vindos da França, eles se apoderaram de palavras como *caribou* e *praire*; e dos espanhóis, de termos como *canyon* e *bronco*.

Depois da chegada dos primeiros imigrantes, juntamente com outros povos vindos de países da Europa, outros períodos de imigração aconteceram nas décadas e séculos posteriores. No livro *A History of the English Language*, Baugh (1957, p. 407) afirma que, para os estudantes de inglês, o período de imigração mais importante é o primeiro período, porque foram os primeiros colonizadores que trouxeram a língua e estabilizaram a sua forma. Na seguinte afirmação de Baugh (1957, p. 407), pode-se entender melhor o que ocorreu naquela época:

Those who came later were largely assimilated in a generation or two, and though their influence may have been felt, it is difficult to define and seems not to have been great. It is to these early settlers that we must devote our chief attention if we would understand the history of the English language in America.<sup>4</sup>

Com isso, pode-se observar que Baugh (1957) e Marckwardt e Quirk (1964) concordam que as principais variações ocorreram na chegada dos primeiros imigrantes à América e que os outros colonizadores, dos períodos posteriores, apenas assimilaram as variações linguísticas que já haviam sido estabelecidas. Quando esses povos chegaram aos Estados Unidos, ocuparam as terras que ainda não eram habitadas e, aos poucos, foram avançando para o interior do país. Com o tempo, as variações linguísticas tornaram-se bastante acentuadas, já que os sotaques e as pronúncias eram diversificados e variavam de acordo com a região. Nessa época, o vocabulário já havia se expandido consideravelmente.

Após a independência política dos Estados Unidos, em 1776, as mudanças relacionadas à cultura e à língua foram constantemente alvo de muitos debates. Para muitos políticos influentes, a independência política deveria ser simbolizada pela incorporação de uma língua independente. Conforme relatam Marckwardt e Quirk (1964, p. 44), um representante do Parlamento teria proposto a ideia de que os americanos deveriam aprender hebreu, por acreditar que essa era a língua mais antiga na terra. Passado esse pensamento, o foco era nas “ideias gregas”. O grego tinha sido uma língua de grande prestígio, então, houve uma proposta de ter a língua grega como língua nacional da nova república. Após muitos questionamentos, outro parlamentar, com ideias mais realistas, apontou que, se o propósito real consistia em apenas ter uma língua diferente daquela que era usada na Grã-Bretanha, então, seria muito mais conveniente manter o inglês nos Estados Unidos e fazer os britânicos aprenderem o grego. Obviamente que a colocação dessa alternativa foi irônica.

Finalmente, de acordo com os autores, após a tomada de decisão de que o inglês permaneceria, surgiu a proposta de que não seria o mesmo inglês falado pelos britânicos, mas o inglês falado pelos americanos, que, na época, já apresentava consideráveis diferenças tanto no vocabulário como na pronúncia. Para os americanos, manter vivas essas diferenças linguísticas tornava-se essencial para o fortalecimento de uma nova nação.

As palavras incorporadas ao vocabulário inglês não se limitaram a termos para designar nomes referentes às novas espécies e objetos. Os colonizadores também ampliaram o vocabulário para outros campos semânticos. Em sua obra, Marckwardt e Quirk (1964, p. 26) classificam essas palavras em quatro categorias distintas. A primeira, como já foi citada, é composta pelas palavras que deram nome às novas espécies de animais, plantas, legumes e hortaliças e, além disso, aos novos objetos que surgiram.

---

<sup>4</sup> Aqueles que chegaram depois foram, em grande parte, integrados em uma geração ou duas, e, embora suas influências tenham sido sentidas, é difícil defini-las e parece não terem sido tão relevantes. É para esses primeiros colonizadores que deveríamos dedicar nossa principal atenção se desejássemos entender a história da língua inglesa na América.

Na segunda categoria, foram incorporadas as palavras para nomear as diferentes maneiras de se fazer as coisas e as diferentes formas de manipular os materiais ou ferramentas. Dentro dessa segunda categoria entram também os novos termos para designar as novas habilidades artesanais por eles adquiridas. A comida e a cozinha em geral também são citadas dentro dessa classe. Para exemplificar as diferenças no vocabulário da culinária, Markwardt e Quirk (1964, p. 27) relatam uma experiência pessoal a respeito de um *steak* que Markwardt comeu na casa de Quirk, um prato conhecido entre os ingleses como *grilled*, mas, para os americanos, o mesmo prato é chamado de *broiled*.

Na terceira classe de palavras, os autores incluem os termos que nomeiam as diferentes instituições. Um exemplo observado pelos autores é o das instituições políticas. Na Inglaterra, eles têm palavras como *parliament*, enquanto os americanos têm *congress* e *senate*. Dentro dessa classe, também são incorporadas as terminologias de esportes, ressaltando principalmente os termos relacionados ao jogo de *baseball*. Nessa categoria, também estão inseridas as palavras do campo da educação. Eles citam as diferenças de significado entre *Public School* e *State School*. Na Inglaterra, a escola pública não apresenta a mesma definição da escola pública nos Estados Unidos. De acordo com Marckwardt e Quirk (1964, p. 28), nos séculos passados, determinadas escolas no Reino Unido eram estabilizadas por fundações de caridade. Logo, pessoas deixavam dinheiro para estabilizar uma escola. Portanto, as escolas públicas com essa origem tornaram-se um contraste com as escolas privadas que eram estabilizadas por proprietários privados. Com o passar do tempo, o significado de escola pública se estendeu para o sistema de educação do Estado. O fato de as antigas escolas públicas terem sido conhecidas como escolas de grande prestígio fez com que os ingleses adaptassem o nome para as escolas do Estado. Ainda dentro do campo da educação, enquanto que, para os britânicos, *school* é a escola para crianças e jovens até 18 anos, nos Estados Unidos, o mesmo termo refere-se às universidades. As diferenças no campo da educação são bastante significativas. Por exemplo, enquanto os americanos adotam *instructor* e *professor*, os britânicos utilizam *Don*, *lecturer* e *reader* para designar os professores da classe universitária.

E, finalmente, na quarta categoria de palavras, Marckwardt e Quirk (1964, p. 30) incorporaram as novas invenções. De acordo com eles, mesmo que uma nova invenção surja ao mesmo tempo na Inglaterra e nos Estados Unidos, tanto a Inglaterra quanto os Estados Unidos geralmente criam termos distintos para a mesma invenção. Os termos automotivos, por exemplo, são marcados por inúmeras diferenças. Com isso, pode-se observar a necessidade de ambos os países manterem uma autonomia linguística, que ultrapassou séculos, chegando até os dias atuais.

## A SITUAÇÃO ATUAL E O FUTURO DA LÍNGUA INGLESA NO MUNDO

Crystal (2004), em seu livro *A revolução da linguagem*, trata de questões relativas à linguagem tanto na atualidade como no futuro. O inglês ganha um lugar especial em suas considerações.

O autor aponta alguns aspectos relacionados ao futuro do inglês no mundo. De acordo com ele, desde o século XVIII, já se projetava um futuro promissor para o inglês. Crystal (2004, p. 19) cita as palavras de John Adams, que seria o futuro presidente dos Estados Unidos no século XVIII: “O inglês está destinado a ser, no próximo século e nos seguintes, uma língua mundial em sentido mais amplo do que o latim foi na era passada ou o francês é na presente”.

É evidente que as palavras de John Adams se cumpriram, mesmo depois de dois séculos, a contar do momento em que foram proferidas. Nas últimas décadas, principalmente a partir da década de 1990, com o surgimento do processo de globalização, a língua inglesa assumiu a posição de língua global, o que significa dizer que o inglês assumiu o papel de língua franca, ou seja, passou a ser a língua mais presente no campo político, científico, tecnológico, turístico, entre outros, no mundo inteiro.

Em vista disso, a língua inglesa tem assumido um caráter muito importante no mundo e seu papel tem sido reconhecido em todos os países. A cada dia, um número maior de pessoas sente a necessidade de aprender inglês por alguma razão específica. Conforme esclarece Crystal (2004), são inúmeras as razões para se aprender inglês. Segundo o autor (2004, p. 21), mais de 400 milhões de pessoas em todo o mundo aprenderam inglês como primeira língua. Embora seja impreciso apresentar dados que comprovem o número de falantes de inglês como segunda língua, visto que é necessário apontar os níveis de fluência adquiridos, acredita-se que, atualmente, esse número seja equivalente ou superior ao número de falantes de inglês como primeira língua.

Em relação a essa questão, o autor aponta que, se for considerado um nível básico de habilidade para conversação como critério, o suficiente para se fazer compreender, considerando-se as possibilidades de erros em relação à pronúncia e à estrutura da língua-alvo e, além disso, o pouco domínio de vocabulário especializado, então, o inglês como segunda língua é falado hoje em dia por aproximadamente 400 milhões de pessoas, apresentando, desse modo, o mesmo número de falantes de inglês como primeira língua. Ainda de acordo com Crystal (2004, p. 21), esse número pode aumentar consideravelmente, conforme esclarece a seguinte citação:

E como o crescimento populacional nas áreas onde o inglês é considerado como segunda língua é cerca de três vezes maior do que nas áreas onde é tido como primeira, os falantes de inglês como segunda língua irão em breve exceder em número os falantes nativos - uma situação sem precedentes para uma língua internacional.

O autor informa ainda que o número de pessoas que estão aprendendo o inglês como língua estrangeira também é incerto, mas, segundo ele (2004, p. 21), o Conselho Britânico calcula que, mais ou menos, um bilhão de pessoas estão aprendendo inglês no mundo todo ao mesmo tempo e, se excluir da estatística aqueles estudantes que estão em fase inicial, seria justo tomar dois terços do total como estimativa do número de estudantes estrangeiros, com os quais haveria a possibilidade de manter uma conversa razoável em inglês. Numericamente, isso representaria um total de 600 milhões de pessoas falando a língua inglesa nos dias atuais.

Portanto, se forem somadas as três esferas nas quais o inglês é falado: 400 milhões de pessoas que usam o inglês como primeira língua, mais 400 milhões que o usam como segunda língua e, finalmente, cerca de 600 milhões que utilizam o idioma como língua estrangeira, há um total aproximado de um bilhão e 400 milhões de pessoas falando a língua inglesa em todo o mundo. Isso significa que, de acordo com o autor (2004, p. 22), um quarto da população mundial (mais de seis bilhões em 2000) fala o inglês atualmente. Isso quer dizer que nenhuma outra língua foi/é utilizada em tão larga escala, seja em termos numéricos ou geográficos.

Mas por que o inglês se expandiu tão rapidamente? De acordo com o autor, a partir dos anos 50, surgiu a necessidade de existir uma língua franca entre os povos, a fim de permitir a livre comunicação entre eles. É inevitável que uma determinada língua no mundo acabe sendo mais falada do que outra e, na última década, o inglês alcançou esse *status* pelo fato de estar inserido em muitos países como segunda língua e também devido ao número de pessoas que o fala como língua estrangeira.

Conforme argumenta Crystal (2004, p. 23), “[...] uma língua se torna mundial por uma razão apenas - o poder das pessoas que a falam. Mas poder representa coisas diferentes: pode significar poder político (militar), tecnológico, econômico e cultural. Cada um deles influenciou o crescimento do inglês em épocas diferentes”. Como resultado das diversas manifestações de poder do inglês, é possível identificar dez áreas nas quais o inglês se destaca com supremacia, dentre elas: a política, a economia, a imprensa, a propaganda, a radiodifusão, o cinema, a música popular, as viagens internacionais e a segurança, a educação e as comunicações. Sendo assim, torna-se evidente que o aspecto que influenciou a propagação do inglês foi o poder ou a hegemonia americana sobre os demais povos. De uma hora para outra, o mundo se viu obrigado a “aprender” a língua do poder, a língua do livre acesso às diferentes instâncias e nações.

Mas será que a hegemonia americana permanecerá por muito tempo? Segundo Harmer (2001, p. 5), o fato de o inglês ser uma língua franca significa que, cada vez mais, um número maior de pessoas irá se apropriar da língua em benefício próprio. O autor, então, questiona se isso não resultaria em uma multiplicidade de variedades, o que tornaria a língua cada vez menos inteligível, ou se esse fato não impediria o inglês de continuar sua trajetória, cruzando todos os continentes. O autor apresenta ainda a opinião de dois estudiosos da língua inglesa, que possuem concepções diferentes sobre essa questão. Para Crystal (1997, p. 140), a hegemonia do inglês não perdurará por muito tempo, ou melhor, em aproximadamente 50 anos, o inglês será apenas mais uma língua em desuso, sendo este um episódio de grande dimensão, “[...] the greatest intellectual disaster that the planet has ever known” (CRYSTAL, 1997, p. 140)<sup>5</sup>.

As profecias de Graddol (1997 apud HARMER, 2001) parecem mais otimistas em relação ao futuro do inglês. O autor considera algumas futuras possibilidades de mudanças em relação ao inglês, mas em todas elas o inglês aparece como a língua número um do mundo. Ele aponta, por exemplo,

<sup>5</sup> [...] o grande desastre intelectual que o planeta jamais conheceu.

que as comunidades de origem espanhola estão tendo um rápido crescimento nos Estados Unidos e que essas comunidades estão se estabelecendo no comércio, tanto no norte como no sul da América. Com isso, o continente americano seria, no futuro, uma zona bilíngue de falantes de inglês e espanhol.

Outra evidência apresentada pelo autor diz respeito à internet, já que o número de falantes de outras línguas que usam esse veículo de comunicação cresce a cada ano, enquanto que o número de usuários falantes de inglês como língua materna diminui. Ele também prevê que, em 2010, as viagens aéreas no continente asiático serão equivalentes à metade dos voos no mundo. Em função disso, o mandarim passaria a ser a língua franca escolhida naquela região.

No entanto, de acordo com Harmer (2001, p. 6), mesmo que essas previsões se confirmem, o inglês no futuro não apresentará o mesmo *status* que possui hoje: “[...] it is most unlikely that English will ever become the dominant language in the world. On the contrary, its ‘top dog’ status may have changed in another fifty years so that it becomes just one of a number of other world languages being widely used around the globe.”<sup>6</sup>

Embora este trabalho tenha como propósito abordar as diferenças entre o vocabulário do inglês britânico e do americano pela razão de essas serem as duas variedades geralmente ensinadas nas escolas e nos cursos de línguas no Brasil, é importante dizer que, atualmente, existem outras variações da língua inglesa. Além do inglês britânico e do americano, há, por exemplo, o inglês australiano, o indiano, o queniano, entre outros.

Com isso, percebe-se que a língua inglesa pode tomar as mais variadas formas, dependendo de quem a fala e/ou de quem a escreve, enfim, de quem a utiliza para fins diversos. Portanto, o lugar onde as pessoas fazem uso dessa língua pode resultar em consideráveis diferenças de pronúncia, vocabulário e gramática. Segundo Harmer (2001, p. 7), “[a]ll varieties, whether South African, Canadian, Sri Lankan or Nigeria will have their own specific words and phrases, their own grammatical mannerisms and pronunciation idiosyncrasies”.<sup>7</sup>

De acordo com as colocações de Harmer (2001), fica claro que as variações do inglês ultrapassam as diferenças britânicas e americanas. A língua apresenta características próprias em cada contexto em que está inserida. Lacoste e Rajagopalan (2005, p. 151) reiteram essa ideia ao afirmar que:

A língua inglesa, tal qual vai se expandindo no mundo inteiro (a que chamo de *World English*) é um fenômeno linguístico *sui generis*, pois, segundo as estimativas, nada menos que dois terços dos usuários desse fenômeno linguístico são aqueles que, segundo os nossos critérios antigos e ultrapassados, seriam considerados não-nativos.

---

<sup>6</sup>[...] é pouco provável que o inglês será a língua dominante no mundo. Ao contrário, a sua posição de destaque poderá ter mudado num período de cinquenta anos, transformando-se em apenas mais uma dentre um número de outras línguas que são muito utilizadas em todo o globo.

<sup>7</sup>Todas as variedades, sejam elas sul-africanas, canadenses, cingalesas ou nigerianas, terão suas próprias palavras e frases específicas, suas próprias formas gramaticais e idiosincrasias fonéticas.



Na seção seguinte, duas questões relacionadas ao ensino do inglês serão abordadas: como acontece o ensino das variedades do inglês no contexto de sala de aula e qual é o papel do professor de ILE no que se refere ao ensino dessas variações.

## O ENSINO DAS VARIANTES NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Conforme abordado anteriormente, os aprendizes de ILE, dependendo do contexto onde aprenderão o idioma, geralmente podem optar pelo inglês britânico ou americano. É fundamental considerar que, mesmo que as variações ensinadas sejam as do inglês britânico e do americano, o fato de os alunos serem de diferentes nacionalidades faz com que eles apresentem características próprias ao longo do processo de aprendizagem, considerando-se as diferentes habilidades da língua-alvo.

Segundo Harmer (2001, p. 8), “[t]he reason for the student’s choice may not be based entirely on the language variety, of course. They might go to one organization rather than another because their friends do or because of some perceived methodological superiority.”<sup>8</sup> Além disso, muitas vezes, a escolha da variação por parte do aluno depende de seus próprios interesses e objetivos, por exemplo, para onde ele pretende viajar na próxima estação. Nesse caso, ele provavelmente optará pela variação utilizada no país anfitrião.

E quanto aos professores de inglês? Como eles definem o tipo de variação a ser ensinada, quando eles precisam tomar essa decisão? De acordo com Harmer (2001, p. 9), optar por uma variante da língua pode não ser tão simples para o professor de ILE. Inclusive, a seleção do livro didático a ser adotado pela instituição constitui uma das dificuldades encontradas ao longo desse processo.

Of course teachers who are British or Canadian, for example, will probably use their variety of English as a model, but for the majority of non-native speaker teachers the choice may not be clear cut, and for many programme directors the choice of a textbook will be a point at which they have to make up their minds (HARMER, p. 9)<sup>9</sup>.

Harmer (2001, p. 9) explica que os professores deveriam trabalhar com a variedade da língua que melhor reflete o seu uso ou atende às suas necessidades mais imediatas, contanto que esta seja entendida pela maioria dos outros falantes de inglês no mundo e/ou dos falantes com os quais os estudantes provavelmente virão a entrar em contato. Contudo, o fato de estudantes e professores optarem pela produção de *uma* variedade dentre as demais não significa que devem ver e ouvir apenas aquela variedade. O autor (2001, p. 9) complementa que “[t]eachers should expose students to different language

---

<sup>8</sup> A razão da escolha dos estudantes pode não estar totalmente baseada na variedade da língua, é claro. Eles optarão por uma variante, e não por outra, porque seus amigos a estudam ou em função de alguma superioridade metodológica percebida.

<sup>9</sup> É claro que professores britânicos ou canadenses, por exemplo, provavelmente usarão suas variedades de inglês como um modelo, mas, para a maioria dos professores que não são falantes nativos, a escolha da variação da língua pode não estar claramente delineada e, para muitos diretores de programas, a escolha do livro didático será um ponto sobre o qual eles terão que decidir.

varieties in listening (and reading) texts so that they do not only hear the teacher's voice. This will prepare students for the time when they come into contact with different language varieties at some later stage.”<sup>10</sup>

A citação do autor remete ao propósito maior desta pesquisa, que é justamente o de esclarecer os professores de ILE sobre a importância de expor seus alunos a outras variedades da língua durante os processos de ensino e aprendizagem do idioma. Algumas vezes, é o próprio aluno que explora questões relacionadas às variações, por exemplo, entre inglês britânico e americano. Por isso, cabe ao professor, consciente de seu papel, não esperar apenas pelo momento de sanar as dúvidas do aluno quando elas surgirem, mas, em vez disso, introduzir, durante as aulas, aspectos históricos, culturais e linguísticos que contribuam para o conhecimento dessas variedades por parte do aprendiz. Sendo assim, é importante ressaltar que o professor precisa estar teoricamente embasado para abordar questões relativas às variantes da língua que ele ensina, sobretudo do ponto de vista histórico-etimológico.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta etapa do trabalho, é apresentada a análise de 15 pares de vocábulos aparentemente com os mesmos significados no inglês britânico e no inglês americano. Além da pesquisa etimológica desses termos, são pontuados alguns aspectos históricos que influenciaram a origem dessas variações. Os vocábulos da esquerda, identificados pela sigla (Br), representam os vocábulos do inglês britânico; já os da direita, identificados pela sigla (Am), representam os vocábulos do inglês americano. A seleção desses vocábulos deu-se com base na frequência ou recorrência dos termos utilizados por professores e alunos, durante o processo de aprendizagem do idioma, em diferentes contextos (salas de aula e livros didáticos, por exemplo).

### 1. *Flat* (Br) x *Apartment* (Am)

*Flat* é uma palavra de 1801, de origem escocesa, que significa “pisso ou andar de uma casa”. *Flat* derivou-se de *flet*, do inglês arcaico (*Old English*), que significava *dwelling, floor, ground*, cuja tradução é, respectivamente, “habitação, andar, piso”. A palavra foi adotada sem nenhuma mudança ortográfica pelo inglês britânico.

*Apartment* é uma palavra de 1641, que derivou de *Appartement* do francês, que também é uma derivação de *Appartement*, da Itália, que se originou de *Appatere* do latim. Naquela época, essa palavra significava “cômodos ou quartos privativos para o uso de uma pessoa em uma determinada casa”. A palavra foi usada, pela primeira vez, nos Estados Unidos em 1874 com o mesmo significado que possui hoje.

<sup>10</sup> Os professores deveriam expor seus alunos a diferentes variedades da língua por meio da compreensão oral (e leitura) de textos, de modo que eles não apenas ouçam a voz do professor. Isso irá preparar os alunos para quando eles entrarem em contato com diferentes variedades da língua em algum estágio posterior.

Atualmente, tanto o *Flat* do inglês britânico como o *Apartment* do inglês americano apresentam a mesma conotação semântica. O fato de, na época da colonização, os americanos terem optado por *Apartment* em vez de *Flat* pode estar relacionado ao fato de que este vocábulo apresentava um significado mais apropriado do que aquele para designar as novas construções com andares privados.

Além disso, obviamente, o contato dos ingleses com os primeiros colonizadores franceses na América foi decisivo para a escolha do vocábulo, já que, segundo Baugh (1957), durante a colonização dos Estados Unidos, não houve apenas uma miscigenação de povos, mas principalmente um encontro de culturas e saberes.

## 2. *Aubergine* (Br) x *Eggplant* (Am)

*Aubergine* é uma palavra que vem do sânscrito e significa “a verdura contra peidos”, devido à crença de que a berinjela funcionava para impedir a formação de gases intestinais. A palavra foi introduzida no vocabulário catalão como *auberdinera*. Em 1794, foi inserida no vocabulário francês, tendo sua forma reduzida para *aubergine*, que, posteriormente, foi adotada no inglês sem nenhuma mudança ortográfica.

O termo *eggplant* foi utilizado pela primeira vez em 1794 nos Estados Unidos. *Eggplant* foi o nome escolhido para designar a berinjela devido ao seu formato parecido com o de um ovo. É provável que os americanos tenham criado um novo vocábulo para designar a berinjela por duas razões. A primeira, provavelmente, por desconhecerem o termo em inglês pelo fato de não terem tido um contato direto com a verdura enquanto estavam na Inglaterra. De acordo com Markwardt e Quirk (1964, p. 26), muitas espécies da fauna e da flora encontradas no continente americano eram novas para aqueles colonizadores ingleses e, por isso, eles precisavam (re)nomeá-las. A segunda razão pode ter sido a necessidade de “transgredir” ou mudar as regras tanto políticas como linguísticas.

Em princípio, a escolha dos novos termos, que gradualmente se incorporavam ao vocabulário inglês, pode parecer um tanto ingênua, mas havia conflitos de interesse econômico e político entre a Inglaterra e os Estados Unidos que culminaram com a independência dos Estados Unidos em 1776. Por muito tempo, enquanto os Estados Unidos permaneceram colônia da Inglaterra, as significativas transformações que ocorreram foram puramente de ordem linguística.

## 3. *Cinema* (Br) x *Movie Theater* (Am)

*Cinema* é uma palavra do ano de 1899, de origem francesa *Cinéma*, que significa “sala de filmes”. É a forma reduzida da palavra *cinématographe*. Essa palavra foi criada em 1890 pelos irmãos Lumière, que foram os inventores do cinematógrafo, máquina de filmar e projetar filmes. *Cinématographe* originou-se da palavra grega *kinema*, que significa “movimento”, que oriunda do verbo *kinein*, que

significa “mover”. A palavra foi adotada pelo vocabulário inglês sem nenhuma alteração na escrita; houve apenas a supressão do acento gráfico, já que nenhuma palavra na língua inglesa é acentuada graficamente.

*Movie* é uma palavra de 1912. É a forma reduzida da palavra *moving picture*, que significa “imagem em movimento”. A palavra *theater* foi registrada, no vocabulário inglês, em 1374, derivada do vocábulo *theatre*, do francês arcaico, que se originou do latim *theatrum*. A palavra sofreu várias alterações semânticas através dos tempos. O primeiro significado apresentava o seguinte conceito “lugar ao ar livre para sessão de espetáculos”. Em 1577, seu sentido evoluiu para “edifício onde peças teatrais são apresentadas”. Já em 1668, seu significado alterou-se para “peças, escritos, produção ou palco”. A ortografia da palavra permaneceu com o final “re” na região da Bretanha, depois do ano de 1700, mas o inglês americano conservou ou reviveu a ortografia com o final “er” e o seu sentido genérico como “lugar de ação”, que é do ano de 1581. A união das duas palavras pelos norte-americanos *movie + theater* deu origem à palavra *movie theater*.

Pode-se observar que *movie theater* não é uma palavra que foi inserida no vocabulário inglês no primeiro período da colonização dos Estados Unidos, época em que ocorreram as variações de vocabulário mais significativas. O vocábulo foi introduzido a partir da invenção do cinema. Segundo Marckwardt e Quirk (1964, p. 30), as variações no vocabulário entre o inglês britânico e o americano continuaram a acontecer à medida que novas invenções foram surgindo. Conforme já sugerido, mesmo que cada uma das nações citadas produzisse os seus próprios inventos, cada país criou, ao mesmo tempo, o seu próprio termo para nomeá-lo.

Com isso, pode-se observar que nem a Inglaterra nem os Estados Unidos quiseram sujeitar-se a adotarem termos propostos por cada um dos países que falam o mesmo idioma. Desde o início da colonização dos Estados Unidos, parece haver uma necessidade constante de ambos os países manterem sua autonomia linguística. Isso leva a acreditar que as variações existentes entre o vocabulário do inglês britânico e o do inglês americano estão longe de acabar, a não ser que a língua seja unificada por meio de regras estabelecidas em conjunto entre os países que a falam, como é o caso das novas mudanças ortográficas ocorridas na língua portuguesa, que atingirão igualmente todos os países que falam o português.

#### 4. *Nappy* (Br) x *Diaper* (Am)

A palavra *nappy* significa “fralda” no inglês britânico. É uma variação da palavra *nappe*, que significa “roupa de mesa” ou “guardanapo de mesa”. *Nappe* é uma palavra de 1420, de origem francesa. Como *nappe*, *dipre* é uma palavra de origem francesa. O termo *dipre* foi utilizado para nomear um pano branco, com flores coloridas, usado desde o século XIV. A partir do século XIX, a palavra *diaper* foi usada nos Estados Unidos com o significado de “fralda”. No Reino Unido, essa palavra nunca foi utilizada.

Nesse caso, eles preferiram “buscar” uma palavra de origem francesa em vez de utilizar a palavra *nappy*, que já existia no vocabulário inglês. Portanto, pode-se observar que houve uma influência bastante significativa por parte dos colonizadores americanos na inserção de novos “estrangeirismos” na língua-alvo, conforme argumentam Marckwadt e Quirk (1964, p. 26).

Mas o que ocorreu aqui não foi apenas a preferência por um “estrangeirismo” francês. Provavelmente, o aspecto semântico das palavras em questão foi o fator determinante para a escolha, já que a palavra *nappy* sofreu alterações de significado através dos tempos. O fato de os americanos terem adotado o termo *diaper* parece ter sido em função de a palavra apresentar um significado mais apropriado para designar o tipo de fralda que eles tinham naquela época.

### 5. *Toilet* (Br) x *Bathroom* (Am)

*Toilet* é uma palavra de 1540, que, originalmente, significava “cobertura ou bolsa para roupas”. O termo originou-se de *toillete*, que é uma palavra de origem francesa e diminutiva de *toile*. Em 1681, o sentido da palavra evoluiu para *act or process of dressing*, que é o “ato ou processo de vestir-se”. Em 1819, o sentido novamente evoluiu para *dressing room*, que, em português, significa “vestiário”, mas, nesse caso, com um lavatório acoplado. Em 1895, o inglês americano passou a utilizar a palavra com o sentido de *lavatory or porcelain plumbing fixture*, como uma espécie de eufemismo. O vocábulo, então, passou a ser entendido como “lavatório ou porcelana com encanamento fixo”.

O termo *bathroom* foi registrado em 1780, originalmente com o significado de “quarto com aparatos para banho”. *Bathroom* se originou da palavra *Bath*, do inglês arcaico, que significa “imerso na água”. Aqui há um caso semelhante ao anterior, em que a palavra *toilet* foi tendo o seu significado alterado através do tempo. Durante a colonização dos Estados Unidos, essa palavra ainda não apresentava o mesmo sentido que possui hoje. Provavelmente, essa tenha sido a razão para os americanos optarem por *bathroom*, já que o termo apresentava um sentido mais apropriado para designar o que eles pretendiam nomear.

### 6. *Lorry* (Br) x *Truck* (Am)

*Lorry* é uma palavra de 1838, que significava “vagão longo”. É uma palavra relacionada à estrada de ferro britânica. Provavelmente, originou-se do verbo *lurry*, que significa *to pull, tug*, que pode significar “estar conectado em algo”, mas de origem incerta. A partir de 1911, a palavra adquiriu o significado que possui hoje “veículo grande motorizado para transportar mercadorias.”

*Truck* é a forma curta de *truckle*. Uma palavra atestada em 1774, que significava, na época, “carroça para transportar mercadorias pesadas”. Em 1916, a palavra foi reduzida para “*motor truck*”. Apenas em 1930, a palavra passou a apresentar o mesmo sentido que possui hoje: “veículo moto-

rizado para transportar mercadorias”. Conforme relatam Marckwardt e Quirk (1964, p. 30), *lorry* e *truck* são termos classificados na quarta categoria de palavras relacionadas pelos autores, na qual se encontram todos os outros termos automotivos. De acordo com os autores, é nesse campo do automobilismo que ocorrem as maiores diferenças quanto ao vocabulário.

### 7. *Wardrobe* (Br) x *Closet* (Am)

*Wardrobe* é uma palavra do ano de 1300, variante de *garderobe*, de origem francesa, que apresentava, na época, o mesmo significado que tem hoje: “lugar onde roupas são guardadas”. A palavra se originou do verbo *ward*, que significa *to keep*, *guard*, ou seja, “guardar”, enquanto que a palavra *robe* significa “*garment*”, que pode ser traduzido como vestimenta. Da união dos dois termos, surgiu a palavra *wardrobe*.

*Closet* é uma palavra de 1340, de origem francesa. Na época, esse vocábulo era entendido como *small enclosure*, que, em português, significa “pequena clausura”. O termo *closet* originou-se do vocábulo latino *clausum*, que significava “espaço fechado”. Em inglês, o significado era “quarto privado para estudo ou oração”. Em 1616, a palavra já apresentava o sentido de “pequeno quarto para armazenamento”. Atualmente, significa “pequeno espaço ou lugar para guardar roupas ou vestir-se”.

### 8. *Dummy* (Br) x *Pacifier* (Am)

*Dummy* é uma palavra de 1598, que significava “pessoa muda”. Por volta de 1845, o sentido da palavra se estendeu para “figura ou corpo que representa uma pessoa”, ou seja, uma figura que representa o seio da mãe.

*Pacifier* é uma palavra de 1460, de origem francesa, que significava “fazer a paz”. O termo derivou do latim *pacificare*, que apresentava o mesmo sentido. Com o significado de “forma de bico de seio para bebês”, foi registrado, pela primeira vez, em 1904. Em relação a alguns dos pares de vocábulos analisados até o momento, pôde-se verificar um fato comum entre eles: a evolução de sentido.

No caso de *dummy* e *pacifier*, assim como em alguns pares analisados anteriormente, a exemplo de *flat* e *apartment* ou *nappy* e *diaper*, ocorreu que, quando essas palavras foram adotadas, elas não apresentavam sentidos idênticos. Atualmente, pode-se dizer que os sentidos de *dummy* e *pacifier* são idênticos, mas a etimologia de ambas as palavras mostra que não foi sempre assim.

### 9. *Mobile Phone* (Br) x *Cell Phone* (Am)

No termo *mobile phone*, percebe-se a união de duas palavras. A palavra *móBILE* é uma palavra de origem francesa do ano de 1490. *Mobile* se originou do latim *mobilis*, que significa, em português,

“móvel”. Em princípio, esse termo fazia parte do campo da astrologia. Somente em 1949, a palavra foi registrada com o sentido artístico de *mobile sculpture*, que significa “escultura de móbile”. Em 1940, há também o registro de *mobile home*, que significa “móbile caseiro”. A palavra *phone* é uma redução da palavra *telephone*, que surgiu em 1884 com a invenção do telefone. O verbo “telefonar” surgiu a partir do seu substantivo e foi atestado em 1889.

*Cell phone* é a palavra que os americanos utilizam para designar o telefone celular. A exemplo de *mobile phone*, pode-se observar a união de dois termos. A etimologia da palavra *phone* pode ser revista no parágrafo anterior. Em relação à palavra *cell*, trata-se de uma redução do vocábulo *cellular*. A palavra foi registrada em 1753 no campo da biologia - *cellular tissue* - que significa “tecido celular”. *Cellular* originou-se do latim *Cellularis*. A palavra entrou para o sistema de telefonia móvel em 1977, porque a área de telefonia móvel é dividida em *cells* de poucos quilômetros servidas por transmissores. Nesse par de vocábulos, vê-se, novamente, a ocorrência de termos ou nomes diferentes para designar as invenções que surgem simultaneamente nos dois países. É mais uma evidência de autonomia linguística e, por conseguinte, independência em todos os aspectos, conforme demonstrada por esses dois países falantes de inglês.

#### 10. *Football* (Br) x *Soccer* (Am)

A palavra *football*, com o sentido de “jogo ao ar livre”, proibido no estatuto do escotismo em 1424, apresenta o seu primeiro registro em 1409. A primeira referência à palavra “bola” é de 1486. A partir de 1630, o esporte cresceu e se tornou uma obsessão nacional na Inglaterra. As primeiras regras do *football* foram regularizadas em Cambridge em 1848.

O termo *soccer*, criado em 1863, inspirou-se no estilo de um jogo norte-americano, conhecido por alguns, na Inglaterra, como *stop-start rugby with padding*. De acordo com os ingleses, o estilo de jogo dos americanos evoluiu gradualmente no século XIX. O primeiro jogo registrado como autêntico foi em 6 de novembro de 1869, entre *Princeton* e *Rutgers*, em que o time dos *Rutgers* foi o vencedor. Mas, nesse jogo, as regras ainda eram mais parecidas com o *soccer*. Em 13 de novembro do mesmo ano, houve a revanche. Contudo, dessa vez, foram adotadas as regras do time da casa. Foi o verdadeiro *U.S football*. No entanto, os primeiros registros existentes da aplicação da palavra para esse estilo de jogo são do ano de 1881.

#### 11. *Autumn* (Br) x *Fall* (Am)

O primeiro registro da palavra *Autumn* é de 1374. É uma palavra derivada de *Autumpne*, do francês arcaico, que se originou de *Autumnus*, de origem latina. Contudo, o vocábulo é de origem etrusca. No início, *Harvest* era o termo utilizado para designar a estação do outono, até que *Autumn*

passou a substituí-la no século XVI. Na Bretanha, a estação inicia em agosto e vai até outubro, enquanto que, nos Estados Unidos, ela começa em setembro e vai até novembro.

*Fall* é um verbo, que derivou de *feallan*, do inglês arcaico. O verbo, na forma do passado, apresenta a forma ortográfica *feoll* e, no particípio passado, *feallen*. Em 1545, *fall* adota o significado de “queda de folhas” e, em 1664, nos Estados Unidos, a palavra passa a ser utilizada com o sentido de nome para designar a estação do outono, que é a estação na qual ocorre a queda das folhas das árvores.

## 12. *Petrol* (Br) X *Gas/Gasoline* (Am)

*Petrol* é a primeira palavra dos pares de vocábulos selecionados que apresenta, para sua definição, a palavra *gasoline*, ou seja, é o primeiro par de palavras que apresentam sentidos semânticos idênticos. O vocábulo *petrol*, registrado em 1895, é derivado da palavra francesa *pétrol*, que obteve seu primeiro registro em 1892. A primeira vez em que o termo foi registrado na França, em 1585, foi para se referir a uma “substância não refinada”. A origem do vocábulo é latina (*petroleum*), que tem registro desde o século XVI.

*Gasoline* foi cunhada em 1865 como *gasolene*. A palavra é uma derivação do termo *gas*. Na formação da palavra, foram acrescentados os sufixos químicos *ine/ene*. O registro com a ortografia atual é de 1871, e o primeiro registro, no inglês americano, com a forma reduzida *gas*, é de 1905.

## 13. *Rubber* (Br) x *Eraser* (Am)

*Rubber* tem o seu primeiro registro em 1536. O termo é oriundo do verbo *rub*, que significa “coisa que apaga”. É a forma curta do termo *India rubber*, que apresenta o sentido de “substância plástica de planta tropical”. O primeiro registro dessa expressão, *India rubber*, é de 1788 e foi introduzida na Europa em 1744 por Charles Marie de La Condamine. A partir de então, tornou-se conhecida porque foi originalmente utilizada como uma “borracha”.

*Eraser* vem do latim *erasus*. É o particípio passado de *eradere*, cujo significado era *scrap out*, que, traduzido, significa “jogar fora”. O termo formou-se a partir da junção de *out* + *radere* “to scrape”. *Eraser*, com o significado de “algo que apaga a escrita”, foi registrado no inglês americano em 1790.

## 14. *Trousers* (Br) x *Pants* (Am)

*Trousers* tem o seu primeiro registro em 1612. Anteriormente, por volta de 1581, o vocábulo apresentava a forma ortográfica *trouzes*, que é uma forma estendida da palavra *trouse*, registrada em 1578. No plural, a palavra apresenta “final típico para coisas em pares”. A palavra é de origem incerta,



embora provavelmente tenha surgido a partir do vocábulo *triubhas*, de origem gálica ou do irlandês médio, que significava *close-fitting shorts*.

*Pants* é uma palavra registrada em 1840. É a redução da palavra *pantaloons*. *Pant* é a forma coloquial do termo no singular, atestada em 1893. Depois disso, foi somada à palavra a letra “s”, para representar a forma no plural.

#### 15. *Postman* (Br) x *Mailman* (Am)

A palavra *post* significa “sistema de correio”. A palavra derivou-se de *poste*, do francês arcaico. Em 1837, o significado do verbo era “enviar por meio do sistema postal”. O primeiro registro da palavra *postman* é datado de 1529. No ano de 1205, a palavra *mail* significava “bolsa viajante”. Esse vocábulo se originou de *male*, ou seja, *wallet*, *bag*, que, traduzindo, significa “carteira, bolsa”, de origem francesa.

Em 1654, o termo apresentava dois possíveis significados “bolsa cheia de cartas” ou “pessoa ou veículo que carrega assuntos postais”. O sentido da palavra se estendeu, no século XVIII, para “cartas e pacotes”. Em 1844, o sentido da palavra era “pessoa lotada de cartas”. Então, o inglês americano registrou, em 1881, a palavra *mailman* com esse mesmo significado.

Com base na análise dos pares de vocábulos, conforme apresentada acima, observa-se que, segundo os pressupostos teóricos aqui discutidos, foram vários os fatores que contribuíram para que ocorressem as variações entre o inglês britânico e o inglês americano: ora fatores de origem política ou social, ora de origem cultural ou geográfica.

Outro aspecto observado diz respeito à significação dos vocábulos. Nota-se que, em vários pares analisados, houve uma gradual mudança de significado das palavras através do tempo, ou seja, houve uma evolução diacrônica da língua. Atualmente, esses pares de vocábulos apresentam significados idênticos, mas, na época da escolha de alguns desses novos termos pelos norte-americanos, tais vocábulos apresentavam sentidos diferentes daqueles utilizados pelos britânicos.

Além disso, é importante destacar que, de acordo com a presente análise, existe a questão histórica da “autonomia linguística”, ou seja, ainda hoje os países em questão continuam a criar novos termos para nomear suas invenções científicas ou tecnológicas, a fim de preservar sua identidade cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi relevante porque possibilitou a identificação e a análise das principais diferenças entre o vocabulário do inglês britânico e do inglês americano, por meio de um estudo

etimológico dos pares de vocábulos anteriormente apresentados. O trabalho também oportunizou o estudo dos principais fatores que motivaram essas variações na língua.

De acordo com a análise, fatores de ordem econômica, política, cultural e linguística foram os responsáveis pelas variações ocorridas no vocabulário da língua inglesa. Segundo Baugh (1957, p. 419), quando os ingleses pisaram em solo americano, encontraram uma nova topografia e uma fauna e flora bastante diversificadas. Com isso, houve a necessidade de atribuir nomes para as novas espécies encontradas.

Além disso, segundo ele, outros fatores contribuíram para que surgissem as variações na língua, como, por exemplo, a adoção dos “estrangeirismos” para o vocabulário inglês em território americano. O contato dos novos colonizadores da América do Norte (EUA) com os índios que já habitavam o norte do continente fez com que os colonizadores adotassem, para o vocabulário inglês, uma série de termos indígenas. Outros empréstimos linguísticos foram retirados dos vocabulários de vários povos europeus que também chegaram à América no primeiro período da colonização, dentre eles, franceses, espanhóis, holandeses e suecos.

Ao chamar a atenção para a importância de se identificarem essas diferenças não se teve a intenção de demonstrar que essas variações constroem uma “barreira” dentro do processo de comunicação viabilizado pela língua-alvo, seja entre falantes nativos ou aprendizes do idioma. O propósito da pesquisa foi o de tornar explícito que, em algum momento, durante o processo de ensino/aprendizagem, o professor de ILE precisa identificar as variações da língua em relação ao inglês britânico e ao inglês americano, ou até mesmo em relação a outras variações se a oportunidade permitir. O professor não precisa esperar que os alunos apresentem dúvidas a respeito das variantes, para depois introduzi-las no ensino. O professor, como educador que é, pode antecipar essas questões, abordando as diferenças do ponto de vista cultural, ou etimológico, dependendo do contexto em que atua.

Sendo assim, a presente pesquisa oferece ao professor subsídios teóricos sobre a evolução da língua que ele ensina, com o intuito de tornar sua prática de ensino mais eficaz e, por que não, interessante. Obviamente, o professor não precisa conhecer todas as variações existentes na língua-alvo, mas reconhecer as diferenças entre os vocábulos mais frequentemente utilizados e os principais fatores que levaram a essas diferenças torna-se indispensável para uma prática docente qualificada.

## REFERÊNCIAS

BAUGH, Albert C. **A History of the English language**. 2. ed. New York: Appleton-Century Company, 1957.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DICIONÁRIO Etimológico da Língua Inglesa. Douglas Harper, Philadelphia, 2001. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/index.php>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

HARMER, Jeremy. **The practice of English language teaching**. Edinburgh: Longman, 2001.

LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARKWARDT, Albert H.; QUIRK, Randolph. **A common language: British and American English**. London: Cox and Wyman, 1964.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

